

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno em 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 29 DE OUTUBRO DE 1882 — N.º 36 —

GERENTE-PROPRISTARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno em 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS: — A cidadella e o palacio de marmore do Cairo. Uma ponte do monte Washington. Senhoras descendo o monte Washington.

TEXTOS: — Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras, por P. C. O domingo dos bebés, por Vidigal Salgado. Os primeiros amores d'um almirante, por J. Vianna. As filhas dos elementos, por V. V.

ACTUALIDADES

Phantastico! perfeitamente phantastico tudo o que está agora acontecendo em Lisboa!

Uma revolução completa em todo o mundo scientifico, tão laboriosa e demoradamente construido pouco a pouco pelo estudo experimental. Cabiú tudo de pernas para o ar, theorias e systhemas, philosophias e religiões; o espirito humano descobriu um mundo novo, que deixa ás aranhas todos os sabios do mundo antigo.

E coisa singular! Quem fez essa revolução, quem descobriu esse mundo novo?

Sempre o mesmo facto historico: das mais pequenas causas vem os grandes effeitos. Um *fragil batel* dá a velha Europa a resplandecente America. O mundo novo da alma é dado á velha sciencia humana, por uma banquinha de pé de gallo.

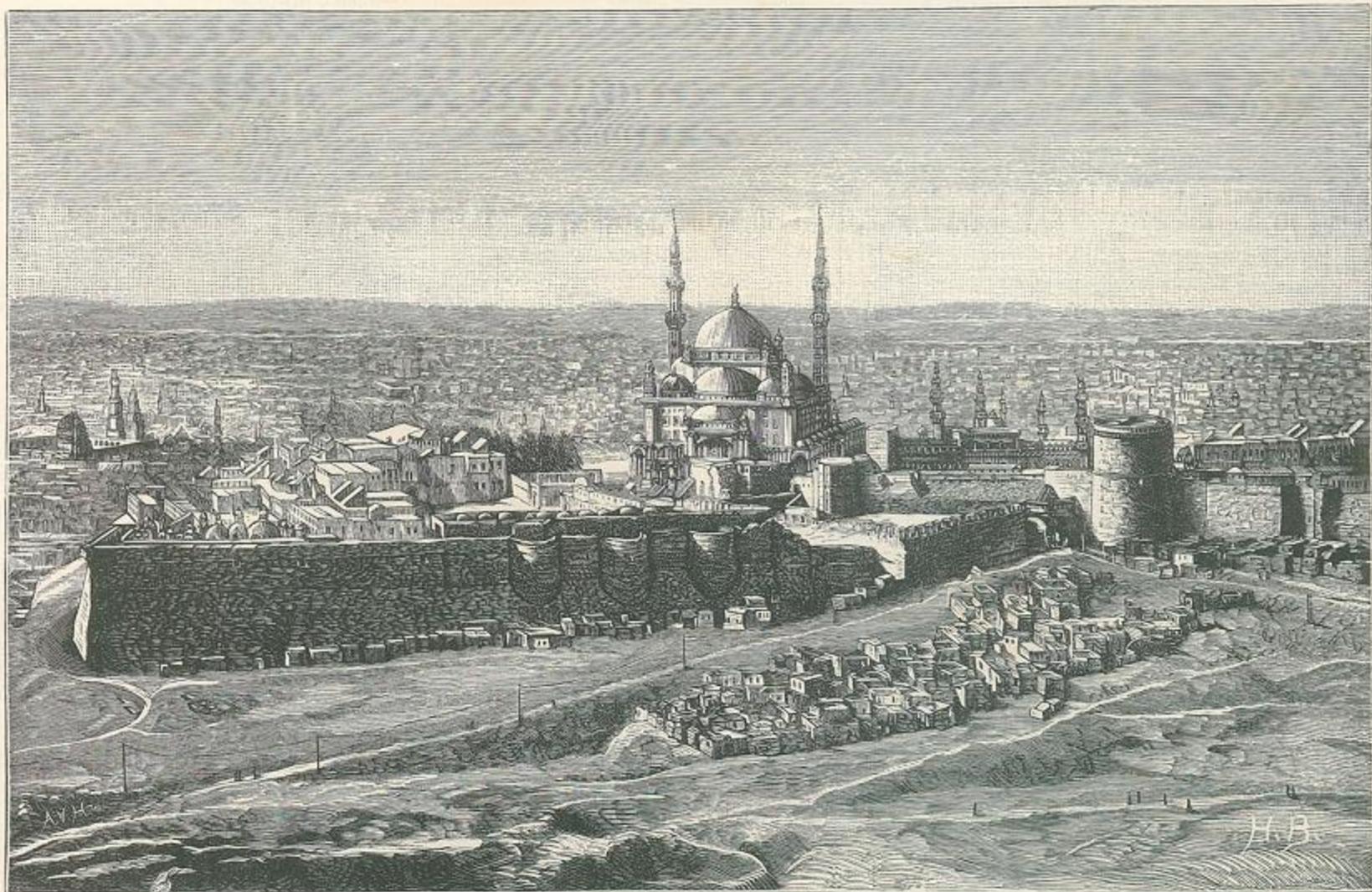
Dezoito vintens e seis mãos fizeram essa revolução colossal ao pé da qual todas as revoluções antigas e modernas, politicas e religiosas, moraes e physicas do nosso planeta, não passam de insignificantissimas Bernardas sem importancia.

Todo o secular trabalho do espirito humano, tudo o que os phylosophos construíram no seu cerebro, tudo o que os sabios descobriram durante secudos de

estudo nos seus gabinetes, atafuchados de enormes in-folios, tudo o que os experimentaes legislam durante annos e annos de experiencias nos seus laboratorios, tudo isso foi derrubado n'um quarto de hora, n'um camarim pequeno do theatro de D. Maria.

E a revolução sabiu logo d'alli a correr pela porta da caixa, sem que o velho Martins se pudesse oppôr a ella, e alastrou-se por toda a cidade n'um abrir e fechar d'olhos, anniquilando todos os ideaes antigos e fazendo encarecer de um modo extraordinario as mezas de tres pés.

Na segunda-feira d'esta semana, encontrei a revolução na rua do Ouro.



A CIDADELLA E O PALACIO DE MARMORE DO CAIRO

Eu ia por alli fóra com a maior velocidade que comporta a minha pesada pessoa, quando de repente ouvi chamarem-me.

Olhei, era um velho amigo meu, um homem sério, respeitavel, d'um enorme bom senso, que estava á porta da livraria do Carmo, e que atravessava já a rua para vir ao meu encontro.

Dirigi-me logo a elle.

— Adeus, como está você, ha alguma cousa?

— Ande cá, você já sabe alguma coisa a respeito da herança de seu pae?

Eu olhei-o espantado.

— Não sei nada, nem já penso n'isso; é historia antiga. Até logo, que tenho muita pressa.

— Espere ahi. Pois você pode saber tudo se quiser.

— Hein?

— Já lhe disse: póde saber tudo. Elle deixou muito dinheiro...

— Quem lh'o disse?

— Disse-me ainda agora uma pessoa.

— E essa pessoa não lhe disse onde elle o tinha deixado?

— Não, declarou-me que só o podia dizer a você.

— Então porque não m'o diz.

— Porque você ainda a não interrogou.

— Ora essa! pois então hei-de andar a interrogar uma a uma cada pessoa a que fallo?

— Você nunca lhe fallou!

— Nunca lhe fallei? Então como havia eu de adivinhar?

— Sim, mas foi por isso mesmo que eu o chamei para lh'o dizer. Interrogue-o que elle diz-lhe tudo.

— Mas então quem é essa pessoa?

— É Napoleão I.

Fiquei assombrado. Olhei para elle com uma gargalhada a estourar-me nos labios, mas elle estava imperturbavel, com um grande ar de gravidade e de convicção.

— Você está doido! disse eu sem saber o que pensar.

— Não estou, disse-m'o elle ind'agora.

— Napoleão I? perguntei-lhe abrindo muito os olhos.

— Napoleão I, palavra d'honra, fallei com elle ainda não ha duas horas.

— Bom, bom, então hei-de-lhe perguntar, concordei eu, muito rapidamente, com um grande pezar do meu pobre amigo, e pensando com os meus botões:

— Coitado! Um homem de tanto juizo! O que é este mundo!

E ia a fugir todo contristado quando de dentro da loja do Carmo, apparece um rapaz, dos mais intelligentes que eu conheço, que me aperta a mão distraído e se volta para o amigo de Napoleão I.

— Sabe que o Littré esteve-me agora a explicar todos os seus erros. Está arrependidissimo o pobre homem!

Eu olhei-o muito desconfiado.

— Pois elle já me tinha dito isso hontem á noite, responde o do Napoleão. E Voltaire, você falle com Voltaire e verá o que elle lhe diz.

— Voltaire hoje não se poude demorar porque o estavam a chamar em Saturno.

Eu estava aturdido, desvairado, como uma pessoa quando entra no pateo de Rihafolles. E ao mesmo tempo tinha dó do amigo de Napoleão, e chamei o outro de parte e disse-lhe:

— O' homem! Isso é uma crueldade, não esteja a mangar com elle, respeite a sua desgraça.

O amigo de Littré olhou-me estupefacto e descon-

fiado, e depois respondeu-me com um sorriso de desdem:

— Ah! tu és dos taes que não acreditam!

— Não acreditam em que?

— O que eu queria é que tu ouvisses hontem o Cagliostro — «Duvida orgulhosa, ignorancia insolente!»

— O Cagliostro?

— Sim, esse não as poupa a ninguem, não é delicado como Luiz XIV.

— Como Luiz XIV?

— Sim, sim, vae-te embora, e falla com o Cagliostro.

Afastei-me a correr. Nada, decididamente aquillo era uma *ocie* combinada entre elles para me fazerem dar sorte.

D'ali a bocado já não pensava em Napoleão nem em Luiz XIV, apparece-me no ministerio do reino um amigo meu, que precisava fallar-me com muita urgencia...

— Olá! tu por aqui?

— Venho pedir-te um favor.

— Dize, estou ás tuas ordens.

— Sabbado que vem, d'hoje a oito dias tenho que ir assistir á prova d'uma peça.

— Ah! vae já?

— Vae. Mas eu no sabbado não posso ir, e por isso vinha pedir-te se tu ias á prova em meu lugar.

— Pois não, vou com todo o gosto. Tens muito que fazer no sabbado. Hein?

— Não, mas estou de nojo.

— Estás de nojo? perguntei-lhe muito espantado vendo-o de calças claras.

— Não estou ainda. Heide estar.

— Has-de estar?

— Sim, minha sogra...

— Ah! está doente tua sogra?

— Não, está boa; mas eu te digo eu amanhã vou ao Porto, venho na quarta feira, ella morre na quinta, e então quero-me ir embora deixando tudo preparado.

— Morre quinta feira? repeti eu muito espantado.

— Sim, morre de repente, das dez para as 11 horas da manhã.

Recuei dois passos.

— Estás a mangar comigo, então isso é conspiração?

— Fallo sério, disse-m'o hontem á noite D. Alfonso Henriques, e bem vêes que elle é espirito superior, não é espirito *magneur* e não me dizia isso se assim não fosse.

Atirei-lhe uma forte gargalhada.

— Meu amigo, perdes o teu tempo, não dou sorte.

— Sorte como?

— Perdes o teu tempo já te disse.

— Ah! então tu não acreditas?

— Não acredito em que?

— No spiritismo?

— Eu acredito lá no spiritismo.

— Não acreditas? Pois á tarde vou-te buscar a casa para ires a D. Maria.

— Pois vae! respondi eu já enfasiado.

Á noite fui com elle a D. Maria. Dominou-me sobre tudo a curiosidade de vêr o que aquillo era.

Cheguei, entrei para um camarim, fizeram-me sentar a uma mesa, pequena, preta de tres pés, puz as mãos em cima, estabelecendo a corrente com as mãos de dois sujeitos muito graves que eu via pela primeira vez.

Momentos depois a mesa começou a mexer.

— Está ahi algum espirito? perguntou um d'elles.

A mesa bateu uma pancada com um dos pés.

— Diga o nome de Deus alphabeticamente.

— A mesa disse alphabeticamente com um pé, D. E. U. S.

— Bem, não é espirito *magneur*, disseram os meus companheiros muito sérios.

— É superior ou inferior? superior duas, inferior uma.

A mesa deu duas pancadas.

— É superior, murmuraram elles muito contentes.

— Vamos, diga o seu nome.

A mesa foi marcando com o pé as seguintes letras:

G. I. L. V. I. C. E. N. T. E.

— É o espirito de Gil Vicente que está ahi? Uma sim, duas não.

A mesa deu uma pancada.

— E' Gil Vicente. Vamos a interrogal-o.

E travou-se o seguinte dialogo entre os meus companheiros e o pé da mesa.

— O que acha do estado do theatro portuguez?

— Assim e assim.

— Qual é o facto mais notavel do nosso theatro, no anno de 1882?

— A representação do *Othello*.

— Do *Othello*? Mas o *Othello* não se representou ainda?

— Ha de representar-se.

— Quando?

— Em novembro.

— E ha de agradar?

— Muito, ao publico.

— E á critica?

— Com restricções.

— E ha de ser bem representado?

— Sim.

— Por quem?

— Brazão e João Rosa.

— O Brazão ha de ser completo?

— Não.

— Então ha de representar bem e não ser completo?

— Sim.

— Como é isso?

— Bem relativamente a elle, incompleto relativamente a Shakspeare.

— E que actos ha de fazer melhor?

— Os tres ultimos.

— E a Desdemona, quem ha de ser?

— Virginia.

— Bem?

— Muito bem no ultimo acto.

— E o João o que faz?

— Yago, excellente.

— E a Emilia?

— Falco, muito rasoavelmente.

— Grande successo?

— Grande successo.

— E não haverá mais nenhum facto importante no theatro este anno?

— Sim.

— O que é?

— Lucinda Simões.

— Em que peça?

— Todas.

— Mas as mais notaveis?

— Demi-monde, Raquin, Dalila.

— E Furtado?

— Actor notavel.

—E a companhia?
 A meza não responde.
 —E a companhia?
 O espirito já se tinha ido embora.
 Eu estava aturdido e cansado e dispunha-me já a deixar a meza quando de repente ella oscillou com força.
 —Está ahí algum espirito?
 —Sim.
 —E' Gil Vicente?
 —Não.
 —Diz então o seu nome?
 E a meza escreveu.
 B. A. R. T. H. O. L. O. M. E. U.
 M. A. R. T. Y. R. E. S.
 —Bartholomeu dos Martyres?
 —Sim.
 —Tem alguma cousa para me dizer?
 —Sim.
 —Importante?
 —Sim.
 —Então diga?
 E a meza escreveu.
 A. R. C. E. B. I. S. P. O. B. R. A. G. A.
 Arcebispo de Braga?
 —Sim?
 —Então o que tem o Arcebispo de Braga?
 —Demittido.
 —Ora adeus, exclamam todos.
 E a meza repetiu sem ninguem lhe perguntar.
 —Demittido.
 —Quem o hade demittir?
 —Julio Vilhena.
 —E' um espirito *magneur*, disse um dos meus companheiros.
 E a meza continuou sósinha.
 D. E. C. R. E. T. O.
 —Decreto?
 —Sim.
 E sem ninguem lhe perguntar disse distinctamente e com todas as letras.
 —30 novembro.
 —Decreto de 30 de novembro d'este anno?
 —Sim.
 Eu estava assombrado e larguei a meza. O espirito foi-se, e agora estou á espera que chegue o mez de novembro. Se no dia 30 o arcebispo de Braga fôr demittido, acredito piamente no *spiritismo*.
 Esperemos.‡

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A cidadella e o palacio de marmore do Cairo

Edmundo About que viajou no Egypto e visitou o Cairo, inseriu n'um livro com a fórma de romance, intitulado *Ahmed le fellah* as suas impressões. «O Cairo, diz elle, é um dedalo; todas as ruas, com excepção de uma ou duas, parecem construídas ao acaso; não só não têm nome, e as casas não são alinhadas, mas não têm principio nem fim; entra-se por uma porta, sae-se por uma brecha, encontram-se n'ellas cemiterios, bazares e precipicios. Por toda a parte edificios demolidos que ninguem se lembra de levantar. Parece á primeira vista que metade da cidade está em ruínas. Se se collocar o observatorio um pouquinho alto, derrama-se o olhar por uma immensa plata-fórma de terraços pulverulentos, erigidos de minaretes aqui e além. O vice-rei cons-

trua palacios de nobre apparencia, onde se não poupa nem a pedra nem o marmore, alguns ricos negociantes elevam casas á moda da Europa, a policia municipal tenta resolutamente abrir uma longa rua em linha recta; mas as viellas, os pardieiros, as choças de selvagens e os costumes correspondentes a este scenario são obra de muitos seculos. O pittoresco está aqui em sua casa; o progresso é que parece um intruso, faz escandalo; não é provavel uma metamorphose do Cairo, sem passar um anno.»

Referindo-se á cidadella, que a nossa gravura representa, diz o mesmo About:

«A cidadella que Arakel-Effendi nos mostrou, pareceu-me mais curiosa e pittoresca do que bella; é um montão de construcções enormes, ruinosas, mal conservadas, e mediocremente apropriadas ao seu destino presente. Todos os ministerios do Egypto estão reunidos n'um antigo harem de Mehemet-Ali. Imaginem um immenso patamar do primeiro andar cortado em fórma de cruz latina. Nos quatro angulos interiores abrem-se umas portas grandiosas, cada uma das quaes é a entrada de um aposento isolado.

«Arakel fez-me vêr a mesquita de Mohammed-Ali, a camara dos delegados, e o divan historico onde o grande pachá affagava a barba durante a matança dos mamelukos. A mesquita, apesar de ser um monumento contemporaneo, tem um certo character; é quasi tão grande pelo plano como pelas dimensões, o que já não é dizer pouco: a riqueza dos materiaes empregados excede tudo quanto se pôde imaginar; é um diluvio de alabastro oriental que sóbe até nove ou dez metros do solo. Ahí é que principia o fechisbeque, isto é, uma pilia imitação d'essa nobre materia. Essa mistura de esplendor e de vulgaridade encontra-se em quasi todos os monumentos posteriores á occupação franceza. Os vice-reis quizeram fazer muito, á larga, ricamente e depressa; faltou-lhes tempo, dinheiro tambem, e gente sobretudo. A impaciencia de gosar entregou-os a uns charlatães europeus; é assim que explico o estylo schahababham que estraga as suas mais bellas obras. O antigo selanlik do grande harem, ou a sala do throno, se assim o preferem, é um campo de batalha em que a magnificencia e o mau gosto parecem lutar com armas iguaes. Nada de mais grandioso do que as differentes partes de architectura, nada mais rico do que os tecidos e os tapetes de fabrica europeá; os horrões do scenario chegam a ser grotescos. O motivo mais repetido d'estas pinturas muraes é um relógio vinte vezes repetido e que marca horas de phantasia. Hoje tem-se mais gosto. A camara dos deputados ou delegados está mobilada pouco mais ou menos como um salão do novo Louvre; mas todas as riquezas do Egypto moderno parecem miserandas quando ao sair da cidadella se vão visitar os tumulos dos principes arabes! Ha alli quarenta ou cincoenta ediculos, cada um dos quaes mereceria occupar durante seis mezes os nossos mais excellentes architectos.»

Resta-nos agora pôr a gravura em relação com esta bella pagina de About. Essa cupula que se ergue entre duas flechas magnificas é a cupula da mesquita de Mehemet-Ali. Mais adiante vê-se um edificio com minaretes, que é o palacio de marmore, o antigo harem de Mehemet-Ali, onde hoje estão os ministerios e a camara dos deputados. Foi n'esse palacio que o famoso vice-rei deu aos seus mamelukos a sinistra festa, d'onde saíram para serem fuzilados á queima-roupa, sem se poderem defender, sem poderem fugir, morrendo todos desde o primeiro até

ao ultimo. Mehemet-Ali julgou comprar assim com torrentes de sangue a regeneração do Egypto; comprou apenas a sua prosperidade passageira, porque esse paiz não tardou a cahir no aviltamento em que o encontrou agora a Inglaterra.

Uma ponte do monte Washington

Ha nos Estados-Unidos um caminho de ferro maravilhoso que percorre os sitios selvagens e pittorescos das Montanhas Brancas, chamadas de Washington; está elle situado a uma altitude de 2:097 metros, e exigiu obras de arte que excedem tudo quanto possa imaginar-se. Principiado em 1866, ha perto de oito annos que está concluido. A ponte, que a nossa gravura representa, tem um comprimento de cerca de tres mil pés inglezes; principia n'uma altura de 890 metros acima do nivel do mar, e chega na outra extremidade até 1:207. A rampa é por conseguinte de 1 metro sobre 4. Este prodigioso trabalho está executado em madeira. Entre os dois carris ordinarios, ha um terceiro carril, destinado a supportar uma roda collocada no meio da locomotiva. Esta terceira roda facilita a ascensão, e dá mais segurança á marcha do comboyo.

Da primeira estação em diante, a linha atravessa um paiz dos mais accidentados. Na estação immediata, accrescenta-se uma segunda locomotiva para se facilitar a ascensão. Assim se vae subindo n'um paiz cada vez mais selvagem; não se encontram senão rochas, torrentes, abysmos, sitios emfim de que nada ha na Europa que possa dar idéa.

A locomotiva continua a caminhar pelas alturas; pára no cimo, afim de tomar agua; a paizagem torna-se cada vez mais sombria, e as massas pedregozas accumulam-se umas sobre as outras na mais imponente e mais assustadora desordem.

Emfim, o cháos cessa: desce-se para um paiz de aspecto menos atormentado; a planicie succede ás montanhas; lindas aldeias, villas encantadoras matizam umas campinas ridentes e fecundas.

Senhoras descendo o monte Washington

A linha extraordinaria de que demos noticia no artigo relativo á gravura antecedente, deu origem a um novo genero de *sport*, que entre as nossas leitoras muitas invejarão sem duvida. É o seguinte: nos carris do meio põe-se um pequeno carro em fórma de trenó, mette-se dentro d'elle a pessoa que se quer entregar a esse divertimento, e a inclinação da via arrasta-o com uma rapidez quasi vertiginosa. Este genero de *sport* faz as delicias dos rapazes, e, sobretudo, como acabamos de dizer, das jovens *ladies*. Exige muito sangue frio e muita habilidade, porque pôde dar logar a gravissimos desastres.

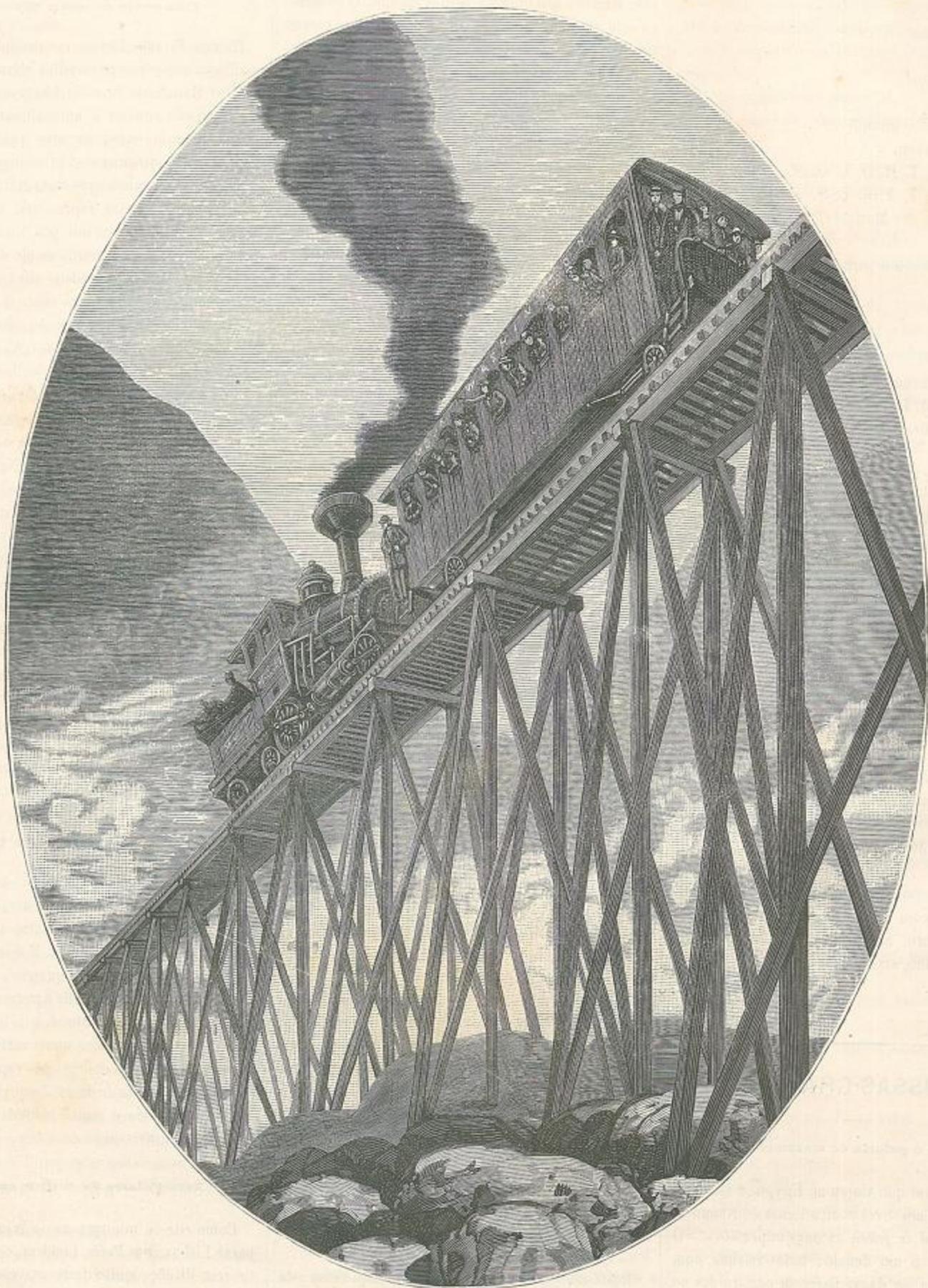
O Novo Palacio da Justiça, em Stuttgard

Commette-se muitas vezes a injustiça de se comparar Lisboa com Paris, Londres, ou Berlim, e de se tirarem illações muito desfavoraveis para nós da inferioridade em que a nossa capital inevitavelmente se encontra. Que os mercados de Paris humilhem a nossa Praça da Figueira, que o Correio de Londres deixe a perder de vista o de Lisboa, que Berlim consagre a obras de arte uma verba importante, ao passo que é absolutamente nulla a que se insere no nosso orçamento municipal, não é caso de certo que deva espantar-nos, e as comparações, em que se toma para um dos termos uma das primeiras cidades da Europa e do mundo, não podem deixar de ser, e não admira

que o sejam, esmagadoras para nós. Os modelos, que devemos procurar, são os das pequenas cidades, capitais de Estados pequenos como o nosso. Vendo o que se tem feito em Copenhague, em Stuttgart, em Munich, em Bruxellas, em Amsterdam ou Stockolmo,

se em Stuttgart o excellento edificio que a nossa gravura representa, e que, sem ser um monumento luxuoso, é na sua severa simplicidade perfeitamente apropriado ao fim a que se destina.

d'essa costa traiçoeira, onde o mar quasi que não tinha fundo; do outro lado desdobravam-se as tristissimas lagunas de Menzaleh. O sitio era de tal ordem que muitas vezes alli passaram sêde os engenheiros, e que um barco semelhante ao que os trouxera para



UMA PONTE DO MONTE WASHINGTON

Port-Saïd

é que podemos avaliar o que se poderá fazer em Lisboa.

Aqui temos nós Stuttgart, a capital do Wurtemberg, cidade de cerca de 115:000 habitantes. É mais pequena que Lisboa, como o Wurtemberg é mais pequeno que Portugal. Pois enquanto, entre nós, continúa para vergonha nossa a ser o misero edificio da Boa-Hora a sêde de todos os tribanaes, construiu-

Quando principiaram as obras do canal de Suez, os engenheiros encarregados de fazerem os primeiros estudos acamparam n'uma estreita laguna de areia, ou *lido*, como os venezianos lhe chamam, que tinha apenas uns 150 metros de largura. O sitio era arido e triste: de um lado estendia-se o mar completamente deserto, porque nenhum navio ousava approximar-se

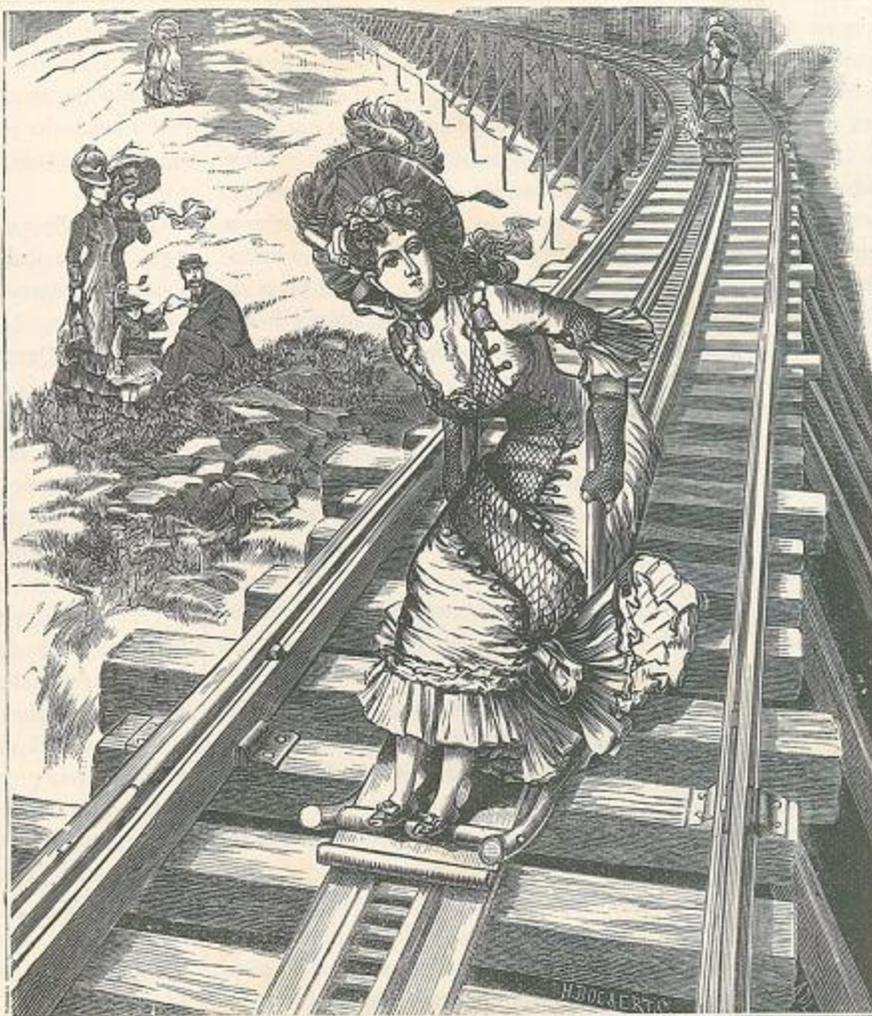
alli lhes trazia tambem todas as manhãs os viveres de Damietta. Feitos os seus estudos, os engenheiros traçaram uma linha na duna, e disseram: Ha de ser aqui a entrada do canal maritimo. Passava-se esta scena em 1860: sete annos depois erguia-se alli uma cidade de oito mil almas, cheia de uma actividade espantosa, verdadeiro estaleiro industrial, situado junto da embocadura de um rio. A energia de mr. de Les-

seps operára esta maravilha.

As transformações de Port-Said foram acompanhando o canal nas suas fases successivas. Como os primeiros acampamentos precisavam receber viveres de fóra, foi necessario arranjar tambem para os barcos vindos de Alexandria um meio de descarga; fez-se então um caes provisorio com pedras tiradas das pedreiras de Mex. E entretanto preparava-se a construcção do talha-mar admiravel que é a primeira maravilha do canal de Suez.

Effectivamente para se estabelecer um porto n'essa bahia de Pelusa, de margens arenosas e de correntes constantes, eram indispensaveis sérios estudos hydrographicos. Fêl-os o sr. Larousse, e em resultado d'elles entendeu-se que era indispensavel, por causa das distancias grandes a que se achavam os fundos de 9 metros, começar a excavação do canal a tres kilometros para o norte da nova cidade de Port-Said;

mas, como a corrente arrastava, parallelamente á costa, areias de leste para oeste, foi necessario construir dois talha-mares de



SENHORAS DESCENDO O MONTE WASHINGTON

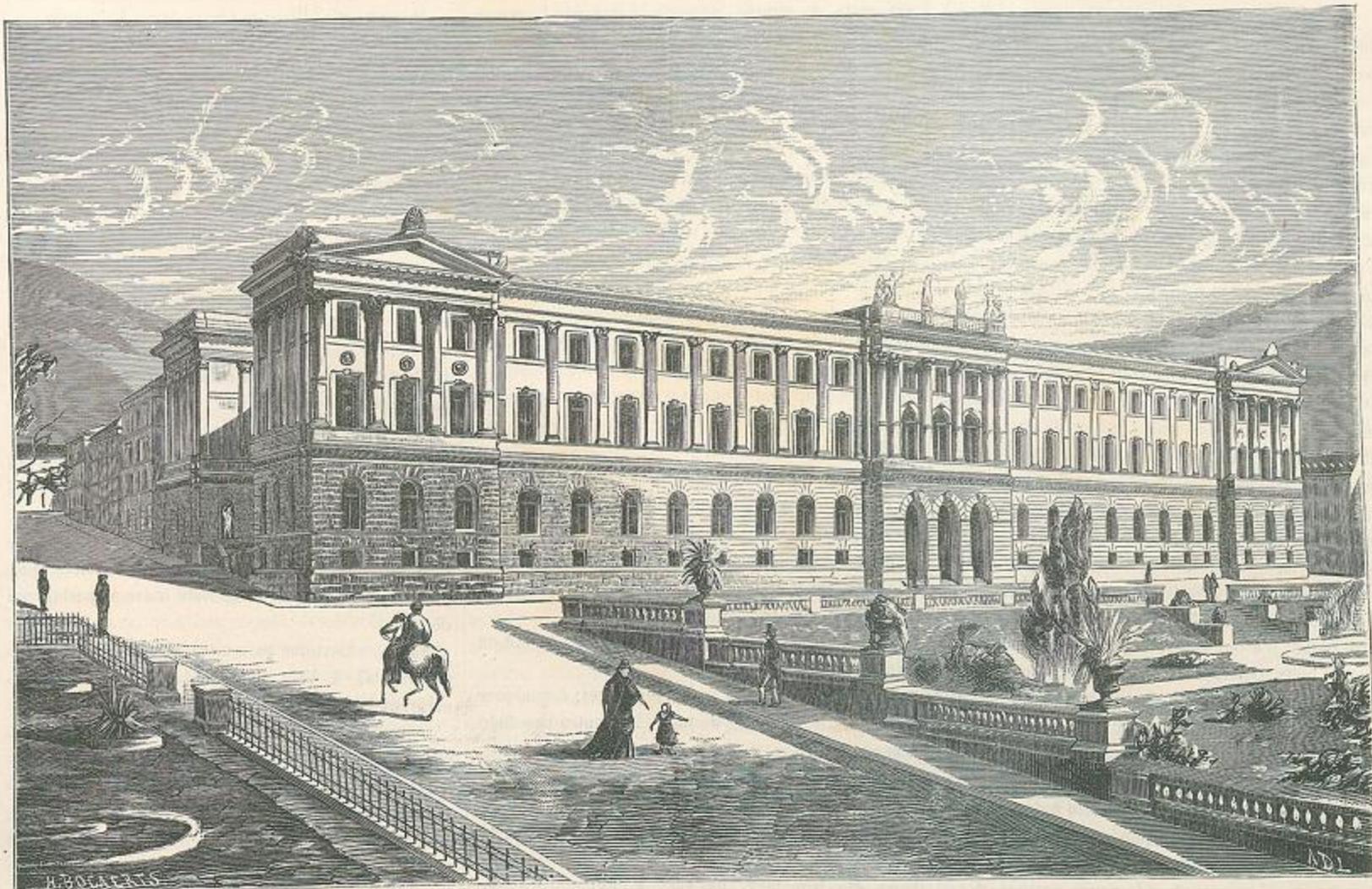
se que fossem parallelos um ao outro, e que ficassem a uma distancia de 400 metros; depois de

ro, e deu-se-lhe uma direcção obliqua, de forma que, em vez de se ter um corredor perigoso, obteve-se um anteporto, excellente e commodo, uma verdadeira rada, que póde abrigar numerosos indigenas.

Quando se substituiu, nos trabalhos do canal, o trabalho das machinas ao trabalho dos fellahs egypcios, Port-Said adquiriu de subito um grande desenvolvimento. Estabeleceram-se alli um grande numero de commerciantes que viviam na visinhança das officinas e do abastecimento do percurso do canal. «O bairro da cidade propriamente dito, diz um viajante francez que visitou Port-Said em 1867, está construido no antigo lido e em terrenos que por traz dos estaleiros se vão conquistando sobre as lagunas. As casas que orlam a praia, com as suas *vérandahs* e as suas galerias de madeira lavrada, dão-lhe o aspecto elegante e garrido das nossas cidades de banhos do mar. Port-Said está situado na margem esquerda do canal maritimo fóra do talha-mar de oeste, que prolonga d'esse lado a praia.»

O aspecto de Port-Said era verdadeiramente maravilhoso: abriam-se as tres barras, trabalhavam a todo o vapor e constantemente um grande numero de dragas; os vapores leva-

vam a reboque para o sul as machinas que iam occupar a sua situação especial, os cabrestantes ran-



O NOVO PALACIO DA JUSTIÇA EM STUTTGARD

3:500 metros de comprimento, talha-mares que não deixassem accumular as areias. Primeiro resolvêra-

construido o primeiro, modificou-se o plano. Começou-se a construir o outro a 1:400 metros do primei-

giam, os martellos soavam nas bigornas, ouvia-se de todos os lados o rugir do vapor. Herodoto, se resus-

citasse e emprehendesse de novo a sua viagem ao Egypto, julgaria ter encontrado no seu caminho as forjas de Hephestios, mas forjas como nunca as sonhára, apesar da sua fecundidade e do seu arrojo, a imaginação hellenica.

Hoje esse movimento cessou, mas a entrada e saída incessante de navios que vão percorrer ou que acabam de percorrer o canal dão a esta pequena cidade, mais europeia que egypcia, uma animação extraordinária. O seu nome perpetua a memoria do vice-rei egypcio que authorisou o projecto admiravel de Fernando de Lesseps, e que assim associou o seu nome a uma das maravilhas do mundo moderno. Mais feliz do que o Pharaó seu predecessor, que ligou o seu nome tambem a essa maravilha do mundo antigo — as Pyramides, pôde morrer com a consolação suprema de saber que essa maravilha que decretára não era como a maravilha antiga uma inutilidade faustosa, cimentada com o sangue de milhares de creaturas humanas, era uma das manifestações mais poderosas do genio industrial, que não cuida senão de tornar o mais suave possivel a existencia ephemera da humanidade.

P. C.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

UMA VIAGEM AO FIM DO MUNDO

A TERRA

(Continuação)

Eduardo—Disse-me o tio que a terra era uma bola, uma esfera suspensa no espaço. Como se pode verificar isso?

Thomé—Os factos que vou citar-te provam sufficientemente a forma redonda da terra. Em primeiro lugar, um portuguez chamado Fernão de Magalhães, que foi o primeiro homem que effectou a viagem em volta do mundo, tendo partido n'uma certa direcção regressou em direcção opposta. Mas, além d'isso podemos verificar com os olhos a curvatura da terra.

Quando um viajante, para chegar á cidade aonde se dirige atravessa uma planicie, em que não ha obstaculo algum que intercepte os raios visuaes, os primeiros objectos que se lhe apresentam á vista são os corucheus das torres e a crista das montanhas; a uma distancia menor já vê parte das torres; depois os telhados das casas e por fim as proprias casas; de maneira que a vista, á medida que a distancia vai encurtando, vai descobrindo successivamente maior numero de objectos, começando pelos mais altos. A causa d'isto não pôde ser outra senão a curvatura da terra. Não aconteceria assim, se ella fosse plana; n'este caso a torre ver-se-hia toda, fosse qual fosse a distancia a que nos achassemos. De longe ve-la-hia-nos com menos claresa do que ao perto; em todo o caso, melhor ou peor, haviamos de vel-a desde o cimo até á base.

Na terra firme é muito raro encontrarmos terrenos tão extensos e planos que se prestem a demonstrar o que acabo de affirmar; quasi sempre ha montanhas, ondulações, ou arvoredos que impedem que nós vejamos irem apparecendo pouco a pouco, desde o cimo até á base, as torres ou quaesquer outros edificios elevados de que nos vamos aproximando; mas no mar, onde não ha obstaculos que se oppo-

nam a que alcancemos grandes distancias com a vista, é facil verificar a forma arredondada, da terra, de que o mar participa tambem.

Quando um navio vindo do mar-alto se aproxima da terra, os objectos que os tripulantes distinguem primeiro são os mais altos, como são por exemplo, os pincares das montanhas; mais tarde apparecem as grimpas das torres e zimbórios e por fim a praia.

Do mesmo modo, o espectador que da praia assistir á chegada de um navio, começará por distinguir primeiramente os topos dos mastros, depois as velas, e finalmente, o casco.

Se a embarcação se afastar da praia, vel-a-hemos desaparecer gradualmente sobre as ondas, de um modo contrario, isto é, o casco será o primeiro a desaparecer, depois as velas inferiores, em seguida as mais altas e por ultimo o tope do mastro grande.

Eduardo—Compreendo perfeitamente. Se o mar não fosse curvo veriamos sempre o navio desde cima até abaixo.

Thomé—Certamente. Vel-o-hiamos todo, em quanto a vista nol-o permittisse.

Eduardo—Muito grande deve ser o globo terrestre!

Thomé—Tem quarenta milhões de metros em redondo, ou oito mil leguas, porque a legua, como já sabes, tem cinco kilometros de extensão.

Para circumdar uma meza redonda são necessarias tres, quatro, ou cinco pessoas, com as mãos dadas; pois para cercar do mesmo modo a terra, seria preciso formar uma cadeia com um numero de individuos igual a doze vezes o numero dos habitantes de Portugal.

Um viajante que andasse dez leguas por dia gastaria seis annos e dois mezes para dar uma volta em roda do mundo, admittindo que não houvesse mares.

Eduardo—Mas quaes eram as pessoas que podiam resistir a tamanha fadiga, se basta uma jornada de dez leguas para ficarmos extenuados de cansaço!

Nem as pernas do Bargossi resistiriam! A maior distancia que eu tenho percorrido a pé foi até Bellas, onde vimos aquellas lagartas que o tio chamou processionarias. Quantas leguas andariamos?

Thomé—Cinco, aproximadamente, duas e meia para lá e outro tanto para cá.

Eduardo—Cinco leguas! Pois declaro-lhe que fiquei estafado; por fim já não podia dar passada.

Andando o mais que podesse, deixe-me calcular... eram precisos quatro annos e quatro mezes para dar uma volta em roda do mundo.

Thomé—Exactamente.

Eduardo—E' uma grande bola!

Thomé—Se é! Eu te cito outro exemplo para melhor apreciares a sua grandeza.

Representemos o mundo por uma bola, maior que a altura de um homem, uma esfera cujo eixo tenha dois metros.

Lembras-te de eu te dizer o que era o eixo ou diametro de uma esfera?

Eduardo—Não tem nada que saber: é qualquer linha que a atravesse de um lado a outro passando pelo centro.

Thomé—Sobre a superficie d'essa esfera de seis metros de diametro imaginemos, em relevo, e nas devidas proporções, a montanha mais elevada da terra, que é o Gaurisankar, que faz parte da cordilheira do Himalaya, na Asia, e cujo pincaço tem 8:840 metros de alto. As nuvens raras vezes lhe corôam o cimo, e o espaço occupado pela base podia alojar um imperio. Figuremos esta montanha gigan-

tesca na esfera que suppozemos ser a terra. Sabem de que tamanho a representaremos? Do tamanho de um grão de areia, de um millimetro de volume! Pois a montanha colossal, que nos assombra com a sua immencidade, guarda a mesma proporção com a terra.

O Monte Branco, cuja altura é de 4:810 metros, e que é a montanha mais elevada da Europa, seria n'este caso representada por um grão de areia metade do primeiro!

Eduardo—Quando o tio me fallou da esphericidade (repare que já não digo redonda) da esphericidade da terra, comecei a seismar e a dizer comigo, como era que ella podia ser redonda tendo tantas montanhas; sendo a superficie tão irregular.

Agora comprehendo que essas irregularidades nada representam relativamente á immencidade do globo

Thomé—Está claro. Uma laranja não deixa de ser redonda, apesar das asperesas da casca; pois o mesmo acontece á terra: não deixa de ser espherica apesar das escabrosidades da sua superficie.

E' uma bola enorme em que as montanhas são grãos de areia proporcionados ao seu volume.

Eduardo—Mas que bola!

Thomé—Medir-lhe a circumferencia não foi já muito facil, como deves supôr; pois fizeram mais do que medir-a: pesaram-n'a.

Eduardo—Como se fosse algum queijo?

Thomé—Como se fosse possivel collocar-a no prato de uma balança, e contrapesal-a no outro com kilogrammas.

Eduardo—Mas como?

Thomé—A sciencia, meu amigo, tem recursos para tudo. O genio do homem não conhece impossiveis.

Pesaram-n'a. Dizer-te como, de modo que me entendesses, seria difficil. Dasta dizer-te que não se serviram de balança, mas sim do raciocinio com que Deus dotou o homem para que elle conseguisse resolver os problemas mais sublimes!...

O peso da terra é representado pelo algarismo 6 seguido de 21 zeros, ou seis sextillhões de kilogrammas.

Eduardo—Não faço uma ideia perfeita do peso só por esse numero.

Thomé—E' o inconveniente dos numeros muito extensos. Vamos por outro lado.

Supponhâmos a terra collocada em cima de um carro que caminhe sobre uma estrada ordinaria. Que força seria necessaria para puxar este fardo descomunal?

Punhamos de frente um milhão de cavallos; adiante d'esta fileira, outra de um milhão; adiante uma terceira, uma quarta uma quinta... até á millesima fileira, sempre de um milhão de cavallos. Teriamos, ao todo, mil milhões de cavallos. Nota que para os sustentar não chegariam todas as pastagens do mundo.

Agora, azorrague para cima d'elles! Sabes o que succederia? A bola nem sequer oscillava! A força empregada era insufficiente.

Para fazer mover essa massa colossal, seriam precisos os esforços combinados de cem milhões de vezes aquelle numero de cavallos!

Eduardo—Não comprehendo. Não faço ideia alguma.

Thomé—Nem eu! E' tal a enormidade que está fóra do alcance do nosso espirito.

OS PRIMEIROS AMORES D'UM FUTURO ALMIRANTE

(Conclusão)

Dêmo-nos *rendez-vous*, para a tarde d'esse dia, na ilha de *Panghai-Moudou*.

Havíamos feito grandes preparativos para offerecer aos insulares o espectáculo de um fogo de artifício. Uma hora, antes de anoitecer, foi desembarcado um destacamento de tropa na praia, fazendo uso do grande uniforme e das competentes armas. Os insulares mostraram-se admiradíssimos do estrondear dos fogos de pelotão. A distancia a que chegavam as balas e os seus recochets na agua causavam-lhes surpresa. Logo que a escuridade se fez espessa, subiram ao ar os primeiros foguetes deixando em grande altura a sua cauda luminosa de estrellas errantes fulgindo vividas côres. O espanto dos natuaes redobrou; as mulheres, apertando-se estreitamente, imploravam a nossa protecção! Vêa não se atemorizou menos do que as suas companheiras. Apesar de, eu, lhe merecer inteira confiança, opprimia a respiração e convulsionava o corpo. A anciedade era geral e profundo o silencio. A este angustioso estado, por todo o tempo que duraram as detonantes explosões, seguiu-se a tranquillidade de animo, manifestada em energicos applausos de contentamento. A grita dos espectadores, amontoados sobre as margens da *Tonga-Tabou*, echoava nas de *Panghai-Moudou*!

O maravilhoso effeito d'estas demonstrações de publico regosijo tentou a rainha *Tinei-Takala* a visitar o commandante da corveta na manhã seguinte e a convidal-o, como *égulai* dos europeus, para assistir ao espectáculo de uma festa polynesianna. Fez-se acompanhar das mulheres menos idosas da sua côrte. Era muito de agradecer, visto a *Toni-tonga-valiné* (rainha) ser de idade bastante avançada e de nutrição digna de uma odalisca!

A bordo foram-lhe prestados todos os respeitos como augusta descendente dos *Futla-Faihis*. O seu perigoso cortejo chegou a assumir proporções assustadoras... e, uma ordem do commandante da corveta prohibiu o accesso a maior numero de mulheres de *Tonga-Tabou*. Baldado empenho! O enxame de bellas continuou a engrossar por todo o navio, trepando-lhe pelos cabos e introduzindo-se pelas aberturas, que esqueceu guardar!

Na manhã do seguinte dia eramos esperados pela rainha no ilhote de *Panghai-Moudou*. Uma população, talvez de 6:000 pessoas, tinha-se reunido para nos receber. Em suas physionomias divisava-se a boa intenção de que se haviam possuido para com os seus hospedes. Do ponto de desembarque até onde se estabelecera a côrte, achava-se o terreno coberto de magnificas *tapas* e de outros estofos. Sobre esteiras e no meio de suas mulheres tomara assento a rainha. No interior d'este circulo, fazendo frente ás damas da côrte, achavam-se postados, na formatura de tres parallelas, 31 musicos e 36 dançarinos. O commandante em chefe do estado-maior da corveta deixou-se acocorar á direita de sua magestade, á qual regalou com uma peça de vistosa ramagem e outros tecidos não menos pintalgados. Os officiaes tomaram logar junto das damas da côrte. Quanto a mim, occupei o logar que Vêa me havia reservado a seu lado.

Começou a festa.

Os bambús, cobertos de pelle em uma de suas extremidades e longos de tres metros, transportados pelos musicos, deram os seus alarmanes sons!

Subitamente fizeram-se ouvir algumas vozes aterradoras na ilha de *Tonga-Tabou*, que inquietaram a rainha. Estavamos desarmados. Algumas caras sinistras foram invadindo o acampamento. Vêa, acabava de pedir-me para recolher a bordo antes de sol nado. Partimos. Vêa, na sua *piróga*, aproximou-se da corveta. Fez-me presente dos melhores estofos, das mais finas esteiras e das mais raras conchas. E, para maior agrado meu, addicionou-lhe fructos, rolas, e dois periquitos lindissimos. Deixando em seguida as aguas da corveta regressou a terra. Não pude conter-me: instantes depois fiz derrota com o mesmo rumo, queria tornar a vel-a, e offerecer—a meu turno—uma parte do meu pequeno thesouro. Além dos collares de avelorios, unicos de que se compunha a insignificante pacotilha que havia trazido de França, possuia tambem um bom lote de thesouras, facas e pregos.

Tudo depuz aos pés de Vêa... A sua admiração pela minha munificencia foi prolongada!

Estava ainda a joven insular no goso da sua alegria, quando tive de fazer-lhe saber da aproximação do momento de nos separar-nos, visto a corveta ter de dar novamente á vela para continuar a sua viagem. Tão viva foi a sua dôr que augmentou—a ser possível—a minha saudade. Infeliz Vêa, ignorante—como uma pobre selvagem—dos laços de meu captiveiro maritimo não se cansou de supplicar-me que deixasse partir o navio para nunca mais me separar d'ella! se tivesse apenas obedecido ao impulso de meu coração não haveria hesitado; mas, o pensamento de uma deserção aterrava-me. Não foi, pois, sem um enorme pesar que contrariei Vêa, fazendo-lhe comprehender a dura lei a que me vergava.

Copiosas lagrimas, prova de uma affeição sincera, quasi me iam fazendo sossobrar. Felizmente, a voz de honra retemperou o meu animo, e... o tenente da *Durance* reganhou seu bordo com um heroismo digno de *Titus* ou de Luiz XIV.

.....
Eram já decorridos 17 dias que a corveta se achava na rada de *Tonga-Tabou* fazendo os seus preparativos de aparelhamento, e estavamos sob vela, quando a rainha subiu a bordo para nos dar os seus adeuses.

A mais nenhuma authoridade insular foi concedida esta permissão!

Junto da corveta, porém, e acompanhando-a nas passagens perigosas, conservava-se uma *piróga*—era a de Vêa. A sua perseverança foi recompensada sendo-lhe concedido acostar-se, por instantes, ao navio. Por este modo poude Vêa dar-me novas prendas, ultima lembrança de sua ingenuidade e inexcedível ternura.

Ja alcançavamos o *alto-mar* quando Vêa se deixou conduzir para a sua ilha! O vento impellia-nos em direcções oppostas. Por muito tempo, com os olhos marejados de lagrimas, segui a sua canôa alteando-se ligeira sobre as vagas. Em pé, agarrada ao mastro em que se enfunava uma grande vela de esteira, mantinha-se firme a desditosa Vêa, fixando na corveta os seus olhares. Assim trocámos, pelo gesto um supremo adeus... Quando não me foi permitido distinguir mais do que uma fórma indecisa senti-me prostrado de todo e... ousarei confessal-o, ainda hoje?... (1860) occultei a minha cabeça nas mãos para chorar á minha vontade.

.....
Quem assim soube ser forte, ao começar a sua carreira maritima, não admira que chegasse a ser um dos mais energicos e illustrados almirantes da França.

J. VIANNA.

AS FILHAS DOS ELEMENTOS

III

(Conclusão)

Pouco depois entrou na sala uma galante rapariga morena, de uma notavel proporção de formas olhar firme e perscrutador.

—Sêde bemvidos, gentis desconhecidos, disse a menina que vinha de entrar.

—Como a outra! exclamou Raphael. Serão irmãs?

—Calla a boca, tonto. Pois se são immortaes, fallam todos pelo mesmo diapasão.

E começaram a conversar sobre mil futilidades, tomando Raphael pequena parte na conversação.

—Não gosta da agua, senhor? perguntou ella, dirigindo-se d'esta vez a Raphael.

—Quando ella é pura e crystallina como vós...

—Puro engano! se soubesse como eu adoro o ver o mar revolto, em furia, como que buscando despedaçar quanto encontra em torno a si...

—Não lhe parece mau gosto?

—Pelo contrario! E' um espectáculo fascinador, que eu teria prazer em vê-lo presenciar. Se soubesse como é sublime o walsar sobre as ondas, ao rugir da tempestade, e ao sibillar do trovão...

E levantou-se, indo mexer em diversos objectos que estavam sobre uma meza.

—Vamo-nos d'aqui, Alberto.

—Pois tambem?

—Decerto e quanto antes.

E' gentil esta desconhecida, mas eu sou pouco propenso a walsar, sobretudo sobre agua. Estou já velho pará experiencias, e não me sinto em boas graças para atravessar o mar vermelho a pé enxuto.

E sahiram, lamentando Raphael que uma rapariga tão interessante, tivesse gostos tão disparatados.

—Estás contente comigo? perguntou Alberto.

—Sim e não. Sim, porque enfim, não ha n'aquella casa o horror da de hontem. Não, porque vou encavacando com estas immortaes, se é que o são.

—Oh! se são.

—Enfim, como ainda nos restam duas noites, aguardemos as duas visitas restantes. E' possível que alguma d'ellas me seduza, mas já lhe vou perdendo as esperanças.

IV

Desnecessario é dizer que na terceira noite se repetia a scena da vespera e ante-vespera. Alberto primava pela pontualidade, o que já era bastante para não faltar uma unica noite ao compromisso tomado. Mas a rasão principal era outra. Jurára aos seus deuses trazer Raphael ao mundo real, e nada o faria desistir de seu nobre intento, sobretudo agora que já o via meio abalado e começando a descrever d'aquelles seres immortaes, que aos seus olhos tinham tido tamanho encanto e tão grande seducção.

—Saibamos, disse Raphael apenas viu entrar o dr. Alberto, aonde me conduzes esta noite?

—A' casa do ar.

—Tu estás zombando comigo, por mais que me digam! A casa do ar? Pois isso pôde lá ser?

—A' fé de gentil-homeni que estou dizendo a verdade. Vamos a casa do ar, embora o teu ar apalermado duvide do que eu digo.

—Ou eu me engano muito, ou tu fizeste proposito firme de me tornar idiota!

—Pelo contrario. Quero ser eu quem mate o teu idiotismo, e por isso me votei de corpo e alma ao teu bem-estar. Se te não vejo casado, não posso morrer em paz; já vês, portanto, que para o conseguir, sou capaz de dedicar-te todo o meu tempo, e de... eu sei, de esquecer até os meus doentes,

para me entregar inteiro e completamente ao teu porvir. E basta de explicações que se faz tarde. A primeira condição do homem bem educado, é não fazer esperar as senhoras. A que vamos visitar hoje, foi avisada por mim, espera-te ansiosa; portanto, a caminho e quanto antes.

—Prompto! vamos ao sacrificio: não quero que digas que sou rebelde aos teus mandados. Agora posso eu dizer-te como dizia o nosso chorado Lobato Pires:

*Sou teu escravo, sobre mim dominas
eis os meus pulsos, lança-lhe a cadeia.*

Vinte minutos depois d'este rapido cavaco, entravam elles n'uma sala original de tecto envidraçado. Ao longo das paredes pendia uma fazenda gommosa, e em vez de quadros, encontravam-se aqui e ali umas caixinhas elegantes, parecendo servir de deposito de qualquer coisa explosiva, tão altas estavam collocadas sobre umas elegantes peanhas.

A um canto fumava em grande cachimbo um ve-

ar compresso, preciso do sopro forte, aspero; violento.

—Pois já amanhã? Realmente é demais! porque havemos de ir tão longe? Castiguemos os mortaes aqui mesmo, que eu odeio todos os que nos cercam.

—Saíamos, disse Raphael ao ouvido de Alberto, preciso muito fallar-te e quanto antes.

—Já vamos, deixa-me gosar esta immortal mais algum tempo.

—Faz o que quizeres; mas eu saio já, já.

Alberto fingiu ceder e sahiu, depois de feitas as despedidas.

Apenas chegados a casa, Raphael lançando-se nos braços do seu companheiro e leal amigo, exclamou:

—Venceste! Compreendo o meu ridiculo e desde já renuncio para sempre às immortaes. Convencime afinal de que era um louco, e que a verdadeira felicidade pode encontrar-se no mundo real. Acabamos com esta lição, que nem por ser merecida, foi menos severa.

—Mas olha que ainda falta uma, disse Alberto.

—Enganas-te: sobram tres. Adivinhei-te afinal e

sua noiva, abrem-se de repente as portas de par em par e entram... *As filhas dos elementos.*

—Que é isto?! exclamou Raphael atterrado.

Acompanhadas pelo dr. Alberto vieram ellas saudar os noivos. A mãe de Raphael, risonha, disse a seu filho:

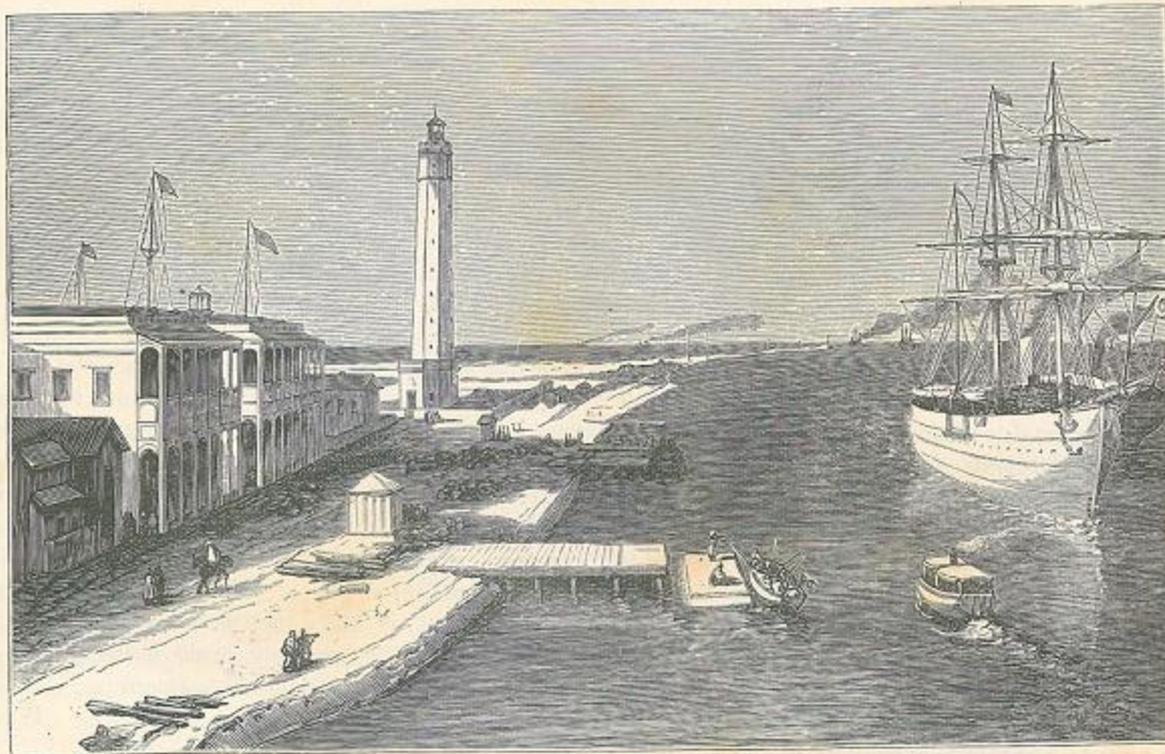
—Meu Raphael, quero apresentar-te tres meninas, adoradas pelas suas virtudes e que a todos encantam. A senhora D. *** filha do conhecido negociante, director principal de uma das mais importantes companhias de seguros.

—Quando v. ex.^a quizer, acrescentou a apresentada, far-lhe-lhei o seguro das suas propriedades, mesmo contra o risco de fogo.

—A senhora D. ***, filha do respeitavel contra-almirante ***.

—Quando v. ex.^a quizer walsar sobre a agua, de bom grado me offereço para ser seu par, a bordo da fragata que meu pae commanda.

—A senhora D. ..., continuou a mãe, filha do celebre aereonauta que ha pouco reside entre nós.



PORT-SAID

lho de longas barbas brancas, tendo a seu lado uma rapariga, trajando um vaporoso vestido de gaze, ornado de finissimas plumas.

—Tu és o diabo em pessoa, Alberto. Com que então estamos em casa do Ar?

—Sem tirar nem pôr.

—Não percebo, concluiu Raphael.

—Nem é preciso. Aos escravos não é dado pensar, cumpre-lhes apenas obedecer.

—Obedecerei, meu senhor.

E entraram na sala.

—Bem vindos sejaes! Quem quer sejam os que me visitam, agrada-me ver estas rachiticas amostras do que é e do que vale a humanidade.

—E' pouco amavel o velho, disse baixinho Raphael.

—Apesar do que disse, continuou o velho, pouca attenção posso dar-vos hoje, visto que tenho amanhã um grande trabalho.

—Onde ides, se não é indiscrição? perguntou Alberto.

—Por esses mares fóra. Cança-me este estado de

aqui te dou, n'um abraço, o testemunho da minha gratidão.

—Venha, minha senhora, venha, disse Alberto à mãe de Raphael, que n'esse momento entrava. Aqui lhe entrego seu filho, em corpo e alma, despresando profundamente as immortaes.

—Sim, minha mãe, é verdade. O que a minha imaginação exaltada phantasiara, era uma loucura, que o nosso Alberto fez desaparecer como fumo que o vento leva. Agora que pertenco ao mundo, sou eu quem lhe peço que me obtenha a mão da sua dilecta. Quero casar-me e quanto antes.

—Bem hajas, meu Raphael, que tanta alegria dás á minha velhice.

V

Um mez depois, realisava-se o consorcio de Raphael de Almeida, com uma das mais gentis meninas da nossa primeira sociedade. O acontecimento foi solemnizado com todas as demonstrações de regosijo, acabando por um baile sumptuoso. Às dez horas da noite, quando Alberto conversava com a

—Quando v. ex.^a quizer tem um logar na barquinha, o que o livrará por alguns minutos das misérias d'este mundo.

—Confesso-me vencido, disse Raphael, com o rubôr nas faces. Teem razão; foi uma loucura grande a minha. A mythologia é uma ficção, que de hoje por diante eu desprezo, porque não ha deuses immortaes.

—Enganas-te, disse a noiva, subindo-lhe o rubôr às faces. Ha um Deus em que eu acredito e tu tambem: o unico da mythologia em que tu acreditas piamente.

—E qual é, perguntou Raphael.

—E'... é...

E vacillou.

—Por Deus, explica-te.

E a noiva, pregando o olhar nos sapatinhos de setim, disse-lhe baixinho, com uma poesia angelica:

—Esse Deus, Raphael... é o amor.

V. V.